

ADRIANA BEBIANO • DIRETORA DOS MESTRADOS E DOUTORAMENTOS EM ESTUDOS FEMINISTAS DA FLUC

PARA UM CONHECIMENTO VERDADEIRAMENTE ÚTIL

“A construção do futuro faz-se num movimento duplo: no desenvolvimento do património valioso da comunidade e no corte do que é nefasto ao crescimento desse futuro que se quer. No caso do Ensino Superior, a escolha entre o que merece ser desenvolvido e o que deve ser cortado parte da definição do que se entende por “conhecimento”. Ora, presentemente, **aborda-se o conhecimento segundo uma lógica de “utilidade”,** entendida no sentido restrito da “utilidade para o mercado”. **É o corte com essa lógica que se impõe fazer.**

“Qualidade” é uma palavra central em todos os discursos para o Ensino Superior. Mas de que é que falamos quando falamos de qualidade? Na enunciação dos documentos de constituição e de avaliação dos cursos “qualidade” traduz-se por “competências”. Estas são pensadas na sua “utilidade”: **uma vez completado o curso, a/ o aluno /o terá de estar apto/a a contribuir para a criação de riqueza** e, supostamente, merecedor/a do “sucesso” – outra palavra venenosa – traduzido em posições de poder e em acesso ao consumo. A “qualidade”, **assim definida, obriga à avaliação das diferentes vertentes do ensino,** o que só por si é uma boa prática. No entanto, no terreno, esta **híper-avaliação** – de projetos, de cursos, de disciplinas – **traduz-se em algo de profundamente nefasto:** uma pesada carga burocrática, com o preenchimento frequente de inquéritos, relatórios e spreadsheets que reduzem a números – alcandorados a uma posição de fétiche nos sistemas de

avaliação vigentes – um conjunto de práticas que não podem ser avaliadas, nem sequer compreendidas, dessa forma. **O tempo passado a produzir estes “indicadores”, quase sempre inúteis, é perdido para a investigação e para a prática pedagógica;** isto é, são horas perdidas para a produção de um conhecimento verdadeiramente útil.

O que é uma educação de qualidade autêntica, socialmente relevante, e que contribua para a realização de quem dela beneficia? Terá de ser, com certeza, interdisciplinar. (Outra palavra fétiche, omnipresente nos discursos e literalmente boicotada no terreno, inclusive nos processos de avaliação.) **Só o diálogo entre os diferentes saberes permite educar** para o exercício da questionação. Terá de ser ainda uma educação para a cidadania, feita

na escuta e da compreensão do outro e na criação do sentido da responsabilidade do indivíduo para com a comunidade e o bem comum.

Impõe-se a pergunta: como operacionalizar isto no terreno? Sucintamente – pediram-me que o fizesse curto, o meu artigo – **podia-se, por exemplo, implementar uma prática de creditação da participação do/as aluno/as em eventos para além das suas disciplinas curriculares,** particularmente tudo o que envolvesse debate.

Impõe-se ma lógica alternativa à agora dominante. Porque o plenamente humano não se faz apenas da satisfação das necessidades mais básicas. Porque uma educação dirigida pelos objetivos estratégicos da utilidade está a conduzir ao sufoco de uma competição feroz por um bocadinho de poder e de riqueza, e que caminha tragicamente no sentido da competição por um pedaço de pão.

